

Conversão pastoral da Igreja

Cleto Caliman, SDB

1. O que aconteceu ao redor do Concílio Vaticano II tem importância capital para a Igreja no s. XXI. De fato, foi nesse tempo que emergiu para todos nós a consciência das transformações que incidem na configuração de uma nova época da história do mundo e da Igreja. Por isso, dizemos que não estamos simplesmente numa “época de mudanças”, mas numa “mudança de época”, como nos diz explicitamente o Documento de Aparecida (2007, no. 44).

2. Essa “mudança de época” significa, em termos do mundo ocidental, “o fim da era constantiniana” (M.-D. CHENU, em: *La Parole de Dieu II. L'Évangile dans le Temps* (1961). Nesse longo tempo histórico vivido pelo cristianismo desde o s. IV e que vai se extinguindo aos poucos desde os albores da modernidade no s. XIV até, praticamente, às vésperas do Concílio Vaticano II (cerca de 1600 anos!), entre os tantos fenômenos ligados à sociedade e à Igreja, ocorreu a formação da cristandade medieval e sua decadência (cf. DAWSON Ch. *A Formação da Cristandade e A Divisão da Cristandade*. São Paulo: É Realizações Editora, 2014). Fechado o ciclo, deixamos para trás a situação de *posse tranquila do espaço cultural*, a “cultura cristã”. Era o tempo da cristandade. Nessa situação prevalece a “homogeneidade cristã” (ou católica). Nos tempos modernos a Igreja se confronta com dois adversários: a Reforma protestante, a partir do séc. 16, e o mundo moderno em ascensão, que se impõe a partir do séc. 18. A consequência dessa nova situação foi o isolamento político da Igreja. Na nova situação, a Igreja católica se retrai sobre si mesma numa forte articulação apologética, como “sociedade perfeita”.

3. Quando os bispos latino-americanos e caribenhos afirmam em Aparecida (2007) a necessidade de uma “conversão pastoral”, que “exige que se vá “além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (no. 370), aflora no nível da própria direção da Igreja no Continente a consciência de que, na verdade, estamos sob a pressão de uma “mudança de época”, ou seja, o fim da era constantiniana. Não bastam simplesmente iniciativas administrativas (cf. EG, 201). É necessário colocar a Igreja “em estado permanente de missão”, ideia que já aparece em Aparecida (no. 551). Por isso,

dizemos que emerge uma nova consciência missionária na igreja, agora na consciência de seus dirigentes.

4. Nessa nova situação aparecem também novos desafios. Enunciamos alguns que nos parecem mais urgentes enfrentar:

- o individualismo moderno e pós-moderno. Ele mina o compromisso comunitário, essencial à vida cristã, como constitutivo da fé compartilhada na comunidade dos fieis;

- o pluralismo cultural e religioso. Ele nos pressiona a buscar uma nova compreensão quer da cultura quer da religião, por exemplo, na questão essencial da salvação. Tivemos que proceder a uma interpretação mais aberta do adágio teológico clássico *fora da Igreja não há salvação* (cf. CALIMAN C. Povo de Deus/Igreja. Em: PASSOS. J. D.; SANCHEZ W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. 2015, p. 762-764);

- além do mais, se configura em nosso mundo moderno e pós-moderno uma “era secular” (cf. TAYLOR Charles, *Uma Era secular*. São Leopoldo: ed. Unisinos, 2008). Essa temática não tem entre nós, sobretudo dentro da Igreja Católica, uma interpretação unívoca. Ao contrário, no espaço pluralista de nosso tempo, divergimos na sua leitura. Alguns leem a secularização de modo, digamos, pejorativo; outros discernem nela um sentido positivo a partir da tradição bíblico-cristã, que acolhe uma teologia da criação distinta da divindade e que professa a fé na Encarnação do Filho de Deus.

5. Mas entre os desafios não podemos esquecer a contradição maior do nosso tempo. Com todos os avanços científicos e tecnológicos, que potencializam a globalização econômica e condicionam uma “cultura tecnológica”, midiática em nível planetário, a humanidade não consegue superar o fosso entre a minoria rica e a maioria empobrecida e excluída. Essa contradição foi o núcleo forte da Teologia latino-americana da Libertação. Ela está no nosso dia-a-dia, tão gritante que nossos bispos, já na Conferência de Medellín (1968) proclamavam: “esta miséria, como fato coletivo, é injustiça que brada aos céus” (Justiça, 1). Ela se manifesta no contraste entre a “cultura da satisfação imediata”, própria dos tempos pós-modernos, e a “cultura da sobrevivência” dos que mal conseguem sobreviver. E são mais do que milhões. São bilhões em nosso planeta!

6. O que nos pede o Papa Francisco, sobretudo na *Evangelii Gaudium*? Uma Igreja “em saída”. Não uma Igreja fechada sobre o seu pequeno mundo religioso, no pequeno

gozo do cotidiano, numa expressão popular, olhando para o próprio umbigo; mas uma Igreja que abre seu olhar sobre o vasto mundo em que se dão os conflitos que afligem os pobres e determinam sua vida. Segundo o Papa Francisco, só uma comunidade eclesial capaz de “sujar as mãos” responde a esse desafio.